

“The Marriage of Heaven and Hell”: O Cristianismo Heterodoxo de William Blake

Isabela Ferreira Loures¹

A obra de William Blake “O Matrimônio do Céu e do Inferno”² produzida entre 1790 e 1793 desperta grande curiosidade devido às observações do narrador em seu diálogo com anjos e demônios e seu posicionamento partidário desses últimos. Longe de significar um afastamento da fé cristã ou uma inversão simples dos polos “bem” e “mal”, a obra representa uma reflexão ética e teológica informada por diálogos estabelecidos por Blake com o deísmo, com correntes esotéricas e dissidentes do cristianismo. No presente artigo apresentaremos algumas dessas correntes - a saber, o deísmo, o swedenborgianismo e o antinomianismo - destacando a maneira como influem na realização da obra.

Primeiramente, é necessário fazer alguns apontamentos sobre a relação estabelecida por William Blake com o Deísmo, ou Religião Natural. Essa corrente de pensamento teológico é relacionada ao Iluminismo e à busca pela reconciliação entre a premissa da desconfiança crítica, ou a busca pelo esclarecimento racional, e a fé cristã. O Deísmo assevera que a existência de Deus pode ser deduzida intrinsecamente pelo contato racional com fenômenos sensíveis, sendo, portanto, uma doutrina condizente com as descobertas científicas do período. Apesar da dedução da formação do mundo por um Deus supremo, não concebem, no entanto, que esse ser continue a interferir no mundo, e nem mesmo a realizar milagres, questionando, portanto, a dominação ideológica da fé pela Igreja e mesmo a essência divina de Jesus Cristo. Não obstante à ardente crítica de Blake à institucionalização da fé e ao poder autoritário das entidades clericais, a Religião Natural para o autor é vista como aberração próxima ao ateísmo. Em “Não Há Religião Natural” (1789)³, seu posicionamento é explicitado apresentando primeiramente o pensamento deísta, considerado calunioso, na forma de *reductio ad absurdum*. Assim, apresenta uma série de afirmações errôneas, sobretudo ao que concerne o modo de conhecimento do mundo atrelado à percepção sensorial, universal e indubitável. As afirmações de Blake se

¹ Mestranda em Artes Visuais - linha de História, Teoria e Crítica, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com orientação da Profa. Dra. Sônia Salzstein. Bacharel em Artes Visuais pela mesma universidade. Atualmente é bolsista Capes.

² As citações de “O Casamento do Céu e do Inferno” e de “Não Há Religião Natural” foram feitas a partir da tradução de José Antonio Arantes, publicadas no volume “Visões”, pela editora Iluminuras.

³ O livro de iluminuras pode ser consultado no site *The Blake Archive* por esse [link](#). Recomendamos a leitura da obra de Blake concomitantemente com a visualização das obras no arquivo digital, já que a criação do texto da obra é indissociável da porção visual das gravuras, realizada pelo “método infernal” criado por Blake - um modo de impressão em metal que, em linhas gerais, se assemelha à xilogravura. Isto é, que imprime a tinta no papel a partir do topo dos sulcos criados e não da profundidade dos mesmos. Esse novo método permitia a gravação em uma mesma placa de metal tanto da porção visual quanto do texto de Blake, criando um resultado visual único e arrojado.

sucedem, iniciando pela asserção “O Homem não Percebe naturalmente, a não ser através dos órgãos sensoriais ou corpóreos”, e chegando ao último falso corolário “Os desejos & percepções do homem, não ensinados por outra coisa que não sejam os órgãos sensoriais, devem ser limitados aos objetos dos sentidos” (Blake, 2020, p. 35). Já na segunda parte do curto livro, apresenta os seus contrários que toma como verdades: “As percepções do Homem não são limitadas pelos órgãos de percepção. Ele percebe mais do que os sentidos (embora extremamente aguçados) podem descobrir”, e finaliza com a “CONCLUSÃO Não fosse pelo caráter Poético ou Profético, o Filosófico & o Experimental estariam logo na aparência de todas as coisas & imobilizados, incapazes de fazer outra coisa além de repetir a mesma rotina tediosa mais uma vez.” Disso, deduz a “APLICAÇÃO Aquele que vê o Infinito em todas as coisas vê Deus. Aquele que vê apenas a fração vê apenas a si mesmo. Por conseguinte, Deus se torna como somos, para podermos ser como ele é” (ibid., p. 38).

As críticas à religião e, sobretudo, à religião natural são retomadas de maneira mais elaborada por meio da mitologia construída por Blake - que, diga-se de passagem, escapa frequentemente à concatenação lógica. De acordo com essa narrativa mitológica, existiam primordialmente quatro *zoas*⁴. O *zoa* Urizen (a Razão, *Your Reason*), ao se sobrepor aos demais *zoas* (Tharmas - sensação; Luvah - amor; Urthona - imaginação), criou o mundo material, chamado por Blake de vegetativo ou *Generation*. O frontispício do livro de iluminuras *Europe, a Prophecy* (1794)⁵, apresenta o momento em que Urizen, agachado dentro de um círculo traça com seu compasso os contornos do mundo que acaba de criar. Curiosamente, a criação do mundo material é responsável também pela queda de Adão e Eva do Paraíso após comerem do fruto da árvore do conhecimento:

My Eternal Man set in Repose
The Female from his darkness rose
And She found me beneath a Tree
A Mandrake & in her Veil hid me
Serpent Reasonings us entice
Of Good & Evil: Virtue & Vice
(...)
Rational Truth Root of Evil & Good
Round me flew the Flaming Sword
Freezing her Veil the Mundane Shell. (Blake; Erdman (ed.), 1988, p. 268)⁶.

⁴ De acordo com S.Foster Damon (2013) *Zoa* é um plural em grego empregado por Blake como singular. No Apocalipse, essa palavra é traduzida como “bestas”. No entanto, observa-se que a caracterização antropomórfica dessas figuras as assemelha a deuses de religiões politeístas.

⁵ A obra pode ser consultada no The William Blake Archive pelo [link](#).

⁶ Os textos que carecem de tradução oficial para o português foram citados a partir do original em inglês, seguindo o volume de obras completas de Blake editado por David Erdman (1988).

Em uma obra iniciada no ano seguinte, a gravura *Newton*, 1795 - c.1805⁷, Blake retorna ao vocabulário visual presente em sua figuração do *zoa* da Razão. Nessa obra, o físico e teólogo Isaac Newton, cujas concepções religiosas e científicas são frequentemente associadas ao deísmo, é figurado nu sentado dentro de uma caverna. Seu corpo está curvado sobre si mesmo enquanto traça com seu compasso formas geométricas em um pergaminho. A pedra na qual Newton está sentado, na impressão de 1805, parece estar incrustada de corais, insinuando um ambiente marítimo - algo reforçado pelos tons azulados da cena. Como apontamos em outro lugar (Loures, 2021), essa localização do personagem em um ambiente sub-aquático, pode ser relacionada a uma declaração de Newton relatada por Joseph Spence:

I don't know what I may seem to the world, but as to myself I seem to have been only a boy playing on the sea-shore, and diverting myself in now and then finding a smoother pebble or a prettier shell than ordinary, whilst the great ocean of truth lay all undiscovered before me. (Spence, 1858, p.158).

A retratação de Blake do filósofo introspectivo em sua busca pela realidade o isola do mundo. Suas figuras não se relacionam àquilo que o circunda e ele parece tão indiferente à realidade a ponto de não perceber que já não está mais na orla, mas submerso no oceano. Sua obsessão pelo racional o fez perder o horizonte da orla da praia e a visão daquele “oceano da verdade” que visava desvendar.

Se por um lado o deísmo ganhava força no século XVII e XVIII, acompanhado pelos empreendimentos iluministas, não se pode ignorar a persistência de correntes esotéricas que exercem enorme influência na obra de Blake como o Neoplatonismo, provavelmente acessado pelo poeta a partir das traduções de Thomas Taylor, e a cabala, que, seguindo a argumentação de Sheila Spector (1983/1984), provavelmente teria sido acessada por Blake em sua corrente cristã latinizada, e não a judaica. Não pretendemos nos deter nas relações estabelecidas por Blake com essas duas interessantíssimas correntes de pensamento. Os estudos de Kathleen Raine a esse respeito são particularmente ricos, embora devam ser balanceados pela visão de autores mais comedidos e pautados por relações histórico-materialistas como E. P. Thompson ou Northrop Frye. De toda forma, em meio à pluralidade de manifestações esotéricas, interessamos, a fim de adentrarmos no livro “O Matrimônio do Céu e do Inferno”, a relação de William Blake com os ensinamentos do teólogo sueco Emanuel Swedenborg.

⁷ A gravura pode ser consultada no arquivo digital do artista pelo [link](#). A análise que apresentamos se refere a versão impressa por volta de 1805 a partir da placa de 1795 - versão hoje pertencente à Tate Collection. Uma primeira impressão, feita no mesmo ano da gravação da placa, apresenta uma camada de cor mais homogênea e opaca, enfatizando menos os contornos musculares de Newton e sem os contrastes dramáticos de cor presentes na versão mais tardia. Além disso, uma importante diferença diz respeito à argumentação que apresentamos de que Newton poderia estar em uma caverna submersa, já que as incrustações semelhantes a corais não estão presentes na primeira gravura. Portanto, essa ambientação distinta é consequência de uma escolha feita anos mais tarde.

A relação de Blake com a doutrina swedenborgiana é analisada de maneira exemplar por Morton D. Paley (1979). que divide a relação do artista e autor com o teólogo em quatro momentos. Aponta para uma inicial aproximação de Blake às doutrinas em questão, estudando com dedicação seus ensinamentos e questionando-os com parcimônia. Nesse momento, o gravurista e sua esposa, Catherine, comparecem à primeira conferência geral da *New Jerusalem Church* em 1789, criada mais de vinte anos após o falecimento de Swedenborg. Já em 1790, Blake passa a ser um ávido crítico, com a escrita do satírico “O Matrimônio do Céu e do Inferno”⁸. Posteriormente ao término dessa obra, Paley aponta haver um momento de distanciamento, sem menções à Swedenborg até 1800. Após esse período, suas doutrinas e conceitos reaparecem nas obras de Blake, dessa vez de maneira ambivalente.

Para entender as críticas tecidas em “O Matrimônio do Céu e do Inferno” marcado por seu tom satírico, é necessário visitar as anotações, ainda amistosas, feitas por Blake na marginália dos livros “O Céu e o Inferno” e “*Divine Love and Divine Wisdom*” de Swedenborg. Nota-se que algumas ideias que o gravurista e poeta pode ter encontrado nos livros do teólogo, ou mesmo no círculo social swedenborgianista, se aproximam de ideais que lhes são estimadas, como a defesa da visão imaginativa e profética que não deve ser considerada ficção, a condenação da doutrina da predestinação, a afirmação do livre arbítrio e mesmo a causa anti-escravista. No entanto, nota-se que a leitura que Blake faz dos livros de Swedenborg procura adaptar o pensamento do teólogo para suas próprias convicções. Para ambos, a relação entre o mundo natural e espiritual é um assunto caro. No entanto, onde Swedenborg afirma que, apesar de haver uma correspondência, são mundos distintos, Blake enxerga uma relação mais forte entre as duas realidades, que se referem, em sua concepção, ao mesmo mundo, mas que podem ser vistas a partir de um ponto de vista vegetativo, encoberto por um véu materialista, ou, alternativamente, pelo ponto de vista imaginativo, que revela as verdades escondidas. As anotações de Blake na marginália de Swedenborg destacam as passagens em que o autor trata das correspondências entre os dois mundos e tenta relevar ou nuançar as afirmações de suas diferenças.

Seguindo uma distinção semelhante à afirmada em relação ao mundo natural e espiritual, outro ponto de tensão entre os escritos de Swedenborg e a leitura de Blake diz respeito à concepção do teólogo do Céu e Inferno como duas realidades separadas. Mediante a esse posicionamento e tentando adequá-lo ao seu, Blake anota “under every Good is a hell. i.e. hell is the outward or external of heaven” (Blake; Erdman (ed.), 1988, p. 602). Ou seja, o Inferno

⁸ Diversas cópias do livro estão disponibilizadas no The William Blake Archive e podem ser acessadas pelo [link](#).

não é uma realidade em si mesma, mas o contorno exterior que é dado ao Céu ou Paraíso. Essa questão do contorno como forma que circunda seu oposto é recorrente em Blake e tem implicações morais que serão abordaremos mais à frente em nossa argumentação. De toda forma, cabe ressaltar a relativização da essência do Inferno, tido não como o contrário do Paraíso, mas apenas como sua “forma exterior”. Consonante com essa afirmação, em outra anotação ainda na marginalia de Swedenborg, o artista britânico escreve: “Good & Evil are here both Good & the two contraries Married” (ibid., p. 604). A percepção que vem um pouco mais tarde de que esse pensamento não coincide realmente com os escritos de Swedenborg pode ser a origem satírica do nome do livro de Blake que tomamos como objeto dessa comunicação.

Além da constatação de posicionamentos irreconciliáveis, Morton D. Paley (1979) aponta alguns outros acontecimentos que podem ser apontados como motivos do divórcio de Blake com a doutrina de Swedenborg. Dentre eles estão a omissão da *New Jerusalem Church* em relação à Revolução Francesa, em vista das pressões exercidas em território inglês, além da crescente institucionalização da igreja, forma de exercício de poder contra a qual Blake e mesmo Swedenborg se manifestaram. Além disso, dois escândalos aconteceram na igreja em 1790. O primeiro deles foi a expulsão de seis membros relacionados à apresentação de um plano de governança e prática religiosa que, dentre seus pontos, defendia em algumas ocasiões o concubinato. Esse posicionamento, embora condizente com escritos do próprio patriarca da igreja, não foi bem aceito na Inglaterra. A partir de outras obras de Blake, como “Canções da Inocência e da Experiência”⁹, e “Visões das Filhas de Albion”, em que defende a liberdade sexual, podemos inferir seu posicionamento nessa discussão, partidário dos expulsos da *New Jerusalem Church*. O segundo escândalo, se deu com a exumação do túmulo de Swedenborg, já que alguns seguidores acreditavam que seu corpo teria subido aos céus, como o de Cristo. Mesmo que o teólogo nunca tenha afirmado qualquer característica especial de seu corpo que o permitisse essa ascensão material ao paraíso, a imagem causada pela frustração dos fiéis deve ter levado à alguma crise na igreja.

Fato é que já em 1793 era publicado o “O Matrimônio o do Céu e do Inferno” de Blake, juntando os dois contrários vistos como separados por Swedenborg. A porção em prosa do livro se inicia com:

Assim como teve início um novo céu e 33 anos já se passaram desde seu advento, revive o Inferno Eterno. E eis! Swedenborg é o Anjo sentado sobre a sepultura: seus

⁹ Para referência à “Songs of Innocence and of Experience” foi utilizada a tradução do título feita por Mário Alves Coutinho e Leonardo Gonçalves, publicada pela editora Crisálida. Essa opção se deve ao fato de José Antonio de Arantes colocá-las em seu livro de obras de Blake como obras separadas, “Canções de Inocência” e “Canções de Experiência”. Essa escolha editorial separa os volumes na organização do sumário como se fossem obras distintas, embora desde a confecção de Experiência, tenham sido pensados para comporem o mesmo livro.

escritos as vestes de linho dobradas. (...)
Não há progresso sem Contrários. Atração e Repulsão, Razão e Energia, Amor e Ódio
são necessários à existência Humana.
Desses contrários emana o que o religioso denomina Bem & Mal. Bem é o passivo
que obedece à Razão. Mal, o ativo emanado da Energia.
Bem é Céu. Mal, Inferno. (Blake, 2020, pp. 167-169).

Esse trecho já esclarece em quais termos é feito o questionamento de polaridades como Céu e o Inferno no livro, e o posicionamento que Blake toma, partidário da porção infernal, da Energia contraposta à Razão. Em outros termos, a leitura infernal defendida por Blake se dispõe a ir além, ou “abaixo” da superfície, descer aos domínios escondidos. Não à toa, o modo de gravação utilizado por Blake, uma variação da técnica de gravura em metal, mas que o possibilita resultados visuais arrojados e inovadores, é referido por ele, ainda no mesmo livro, como “método infernal”, realizado “com agentes corrosivos que, no Inferno, são salutares e medicinais, solvendo superfícies visíveis e expondo o infinito antes oculto” (ibid., p.181).

Uma tese aventada por Joseph Viscomi (1998) é que parte do texto, as placas 21 à 24, teriam sido as primeiras a serem realizadas, pensadas como um folhetim anti-swedenborgianista e, a partir das asserções dessas placas, teria sido construído o restante da narrativa do livro, conferindo-lhe o caráter de colagem textual. Esse trecho é iniciado pela acusação de que Swedenborg, em sua descrição do Céu e do Inferno, escutou apenas os anjos, marcados por sua vaidade, que pensam ser os únicos sábios. Blake, ao contrário, escuta também os demônios, que trazem a verdade escondida pelo véu superficial da enganação. Em seguida, se referindo parodicamente aos relatos de conversa de Swedenborg com anjos, chamado de “relações memoráveis”, Blake escreve “Uma Fantasia Memorável”, em que um demônio questiona um anjo a respeito da relação de Jesus Cristo com as leis dos dez mandamentos, a qual, de acordo com o demônio, Jesus estaria infringindo quando não respeitou o sabá, rejeitou a punição à mulher flagrada em adultério e mesmo quando deu falso testemunho à Pilatos, ao recusar sua defesa. Ao fim, o anjo converte-se aos ensinamentos do demônio, abraçando suas chamadas, ascendendo aos céus e se revelando como o profeta Elias. A fantasia memorável se encerra: “Esse Anjo, que agora se tornou um Demônio, é meu amigo íntimo; muitas vezes lemos juntos a Bíblia em seu sentido infernal ou diabólico.” (ibid., p.193).

Essa passagem também revela as influências do antinomianismo na obra de Blake. Como demonstra E.P. Thompson (1993), é evidente a relação entre a inversão dos polos de Energia e Razão, ou do Bem e do Mal, em “O Matrimônio do Céu e do Inferno” e o inconformismo e questionamento atrelado a correntes dissidentes antinômicas do cristianismo, como os Muggletonians, Ranters ou Behemists, que se manifestaram com vigor na Inglaterra até o início do século XVIII, mas cuja rede de influências, Thompson argumenta, pode ter alcançado

mesmo que indiretamente Blake já na segunda metade do século.

Em primeiro lugar, encontramos na obra do poeta o mesmo questionamento à Lei Moral que em Muggleton, por exemplo. Seguindo a apresentação de Thompson, para a doutrina muggletoniana, Deus permite que exista a escuridão do espírito, para que, em contraste com a divindade, essa última seja conhecida. Da mesma forma, razão e fé, coexistem em Deus. Também, concebe-se que o princípio do bem e do mal convivam na essência humana como postulado pela doutrina das duas sementes a partir da miscigenação dos descendentes de Seth (filho de Eva e Adão) e Caim (que seria, na realidade, fruto da copulação de Eva com a Serpente, ou Satã). Essa afirmação retira tanto o mal, quanto o bem divino, de um lugar transcendental, apartado da realidade e da essência humana, algo próximo ao que anuncia Blake ao postular: “Todas as deidades residem no coração humano” (ibid., p. 179).

Assim, a relação estabelecida entre o Céu e o Inferno espelha também o Bem e o Mal: são contrários, mas não são negações um do outro. De forma semelhante, podemos retomar o local atribuído à razão por Blake em sua mitologia: quando Urizen traça com seu compasso a existência do mundo material, a Razão também se impõe como limite à Energia.

A multiplicidade de diálogos estabelecidos por Blake com a tradição teológica, com o deísmo e com as doutrinas dissidentes esotéricas, assim como as antinomistas atesta para uma sistematização e um interesse pelo debate teológico muito elaborado. Bebendo simultaneamente de fontes distintas do pensamento cristão, é de se esperar que o cristianismo de Blake seja surpreendentemente afastado da tradição oficial da Igreja, sem contudo se assemelhar integralmente a uma ou outra corrente dissidente. Resulta disso, portanto, a asserção de uma religiosidade própria, que não deixa de surpreender mais de dois séculos depois.

REFERÊNCIAS

BLAKE, William. **The William Blake Archive**. Disponível em: <http://www.blakearchive.org/blake/>. Acesso em 10 mai. 2019.

BLAKE, William. **Visões**. São Paulo: Iluminuras, 2020.

BLAKE, William; ERDMAN, David V (ed.). **The Complete Poetry and Prose of William Blake**: Newly Revised Edition. New York: Anchor Books, 1988.

BRISTOW, William. Enlightenment. In: ZALTA, Edward N. (ed.). **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. [S.l.]: Metaphysics Research Lab, Stanford University, Fall 2017. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/enlightenment/>. Acesso em: 15 maio 2023.

DAMON, S. Foster. **A Blake Dictionary: The Ideas and Symbols of William Blake**. Hanover: Dartmouth College Press, 1965.

LOURES, Isabela F. William Blake contra os "moinhos satânicos" da racionalidade moderna. **ARS (São Paulo)**, [S. l.], v. 19, n. 43, p. 462-507, 2021. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2021.178423. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/178423>. Acesso em: 30 jul. 2023.

PALEY, Morton D. "A New Heaven Is Begun": William Blake and Swedenborgianism. **Blake: An Illustrated Quarterly**, [S.l.], v. 13, n. 2, p. 64-90, fall 1979. Disponível em: <http://bq.blakearchive.org/13.2.paley>. Acesso em: 15 mai. 2023.

RAINE, Kathleen. **Blake and Antiquity**. Princeton: Princeton University Press, 1977.

SANTOS, Alcides Cardoso dos Santos. **Visões de William Blake**. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

SPECTOR, Sheila. Kabbalistic Source's - Blake's and his critics'. **Blake: An Illustrated Quarterly**, [S.l.], v. 17, n. 3, p. 84-118, winter 1983-1984. Disponível em: <https://bq.blakearchive.org/17.3.spector>. Acesso em: 15 mai. 2023.

SPENCE, Joseph. **Anecdotes, Observations, and Characters of Book and Men**: collected from the conversation of Mr. Pope and other eminent persons of his time. London: J.R. Smith, 1858.

THOMPSON, E. P. **Witness Against the Beast**: William Blake and the Moral Law. New York: The New Press, 1993.

VISCOMI, Joseph. The Lessons of Swedenborg or, The Origin of William Blake's The Marriage of Heaven and Hell. In; PFAU, GLACKNER (ed.) **Lessons of Romanticism**: a critical companion. Durham: Duke University Press, 1998.